

## PROSA – “FESTAS DE MATTOSINHOS”

Eu já transcrevi o relato d’um passeio a Águas Santas, matéria que encontrei escrita numa página de “O Repórter”, edição do mês de junho de 1912, “jornal noticioso, commercial e literário” cujas “redacção e oficinas” ficavam instaladas na antiga Rua Moreira Cesar, nº 11 (atual Rua Artur Bernardes), na mineira cidade de São João del-Rei<sup>1</sup>. Desta vez, chamou minha atenção o texto publicado no número 55 do jornal de mesmo nome, em sua edição do dia 23 de maio de 1912, sob o título de “Prosa – Festa de Mattosinhos”, crônica da lavra d’um escritor identificado apenas por “SALUSTO”, *assinatura* que, muito provavelmente, é um codinome. Para que os leitores tenham a oportunidade de se deliciar com os detalhes originais, opto por aqui transcrever fielmente a matéria, respeitando a grafia daquela época; a originalidade, beleza e riqueza descritiva da crônica original dispensam comentários, os quais, se feitos, poderão até mesmo macular o primitivo texto.

Eis a transcrição<sup>2</sup>:

*“Festa de Mattosinhos! Quando eu era bem creança, antes da locomotiva, atroando os echos do Lenheiro, vir despertar nosso torrão apontando-lhe a senda do progresso, (vá lá a chapa) costumava passar um, ou dois mezes por anno em Mattosinhos, por occasião das festas do Nosso Senhor Bom Jesus. Nesse tempo ia-se pelo Matola, passava-se perto do matadouro velho, em plena capoeira, fazia-se escalla na D. Rita da Praia, uma boa velhinha que morava num sobrado, a meio do caminho e assentava-se um bocado no paredão da ponte da Agua Limpa, antes de penetrar no arraial; sim porque nessa epocha não havia a Rua Antônio Rocha, nem o ‘boulevard’ dos Italianos emendando tudo em uma só cidade.*

*Entre a meninada discutia-se qual o caminho mais curto para Mattosinhos; se pelo Matola, se pelo Barro, passando no Canal, onde é hoje a fabrica de tecidos. Chegados apenas, a maior preocupação, era ir á procura das laranjas e dos limões, que se obtinham, por dez reis de mel coado, em muitas das bellas chácaras d’aquella abençoada terra. Havia uma Senhora, Deus lhe fale n’alma que recommendava sempre, a meia voz, ao Eduardo chacareiro: “Olha! Dê das do chão, hein?...”. Ficou celebre este ditto e um bom velho s. joannense, que mais tarde fez parte da constituinte, alegre e doido por moças, sempre que apresentava as sobrinhas – um bando dellas cada qual mais bonita – nunca se esquecia de acrescentar: e olhe que estas ainda são das do chão!*

*Ás tardes eu tinha licença de acompanhar á caça o nosso Juiz de então, hoje emminente Senador civilista, cuja especialidade era, de dentro de sua sala de visitas, atirar pela janella ás andorinhas um verdadeiro ‘tour de force’<sup>3</sup> de destreza! Na caçada do*

---

<sup>1</sup> Texto disponível em: [http://www.patriamineira.com.br/ver\\_pdf.php?id\\_noticia=2775&id=3](http://www.patriamineira.com.br/ver_pdf.php?id_noticia=2775&id=3)

<sup>2</sup> Este texto foi publicado originalmente no *Jornal de Minas* (São João del-Rei – MG, ano XIII, edição nº 239, de 21 a 27 de fevereiro de 2014).

<sup>3</sup> *Tour de Force*: proeza, façanha (termo de origem francesa).

*inhambu e ás trocazes<sup>4</sup>, armava-se elle arapucas e – coisa curiosa – sempre que lá chegávamos a uma dellas, o milho estava papado, a arapuca desarmada; mas... o pássaro tinha voado! Afinal descobrimos que havia um outro caçador commodista, que preferia caçar a nossa caça, pondo em pratica o adágio, invertido: mais vale quem cedo madruga... Outras vezes íamos pescar nas lagoas para as bandas da ponte do porto, obrigados ao café e ás fructas esplendidas do sr. Thomazinho. O melhor do nosso dia era porem ir á chácara da D. Carlota, comprar favos de mel, apanhando de quebra alguma ferroada, por querermos chegar muito perto das abelhas; em compensação obtínhamos licença para uma devassa em regra nos magníficos morangos que bordavam os canteiros bem cuidados.*

*Depois vinham os dias de festa, o preparo previdente das barraquinhas de bambú e pita, a animação do largo da igreja, se povoando do dia para a noite. As casas subiam de preço e não havia burguez que se prezasse que não tivesse tomado em tempo a sua, pois se era a nossa Petropolis! Aberta a igreja para o recebimento das offerendas e para a contemplação dos milagres, nós pressurosos, íamos nos quedar boquiabertos ante ás coisas espantosas realisadas em nome do Senhor Bom Jesus de Mattosinhos: aqui era um cavalleiro, cuja montaria, tomada do diabo, saltara por cima de um abysmo e o homem se salvara de uma morte certa, invocando no momento supremo, o nome milagroso; mais adiante era uma senhora muito temente a Deus, e que esgotados os recursos da sciencia e desanimada pela paralyisia completa que a prostrava no leito – resolvera-se a vir de longe, implorar o milagre – e o milagre se dera! Lá estavam, e certo estão ainda na sachristia, os renques cerrados de quadros, com suas pinturas ingenuamente rudes e os membros em cera, contando todas as boas acções do milagroso padroeiro<sup>5</sup>.*

*Com que gosto eu subia á torre para assistir aos repiques do Heitor! Na hora então em que começavam a furar buracos para armar as peças de artifício – o ‘clou’ da festa<sup>6</sup> - a nossa soffreguidão não tinha limites e nós, pequenos, não estávamos longe de admitir que, ao influxo da nossa igneoacrecencia, a hora do fogo chegaria mais depressa! Antes porém desse momento auspicioso a igreja toda illuminada, ardia em pura fé, hymnos e cânticos subiam para o alto proclamando a crença ardente de um povo inteiro.*

*Era infalível também a passeata do pessoal festeiro, de charanga a frente, até á casa do Imperador do Divino; já se sabe, o grupo era numeroso a levar-lhe as merecidas homenagens, recompensadas pelas doçuras do indefectivel copo d’agua, em regra profuso. De uma feita foi meu Avô o dito imperador e eu bem me lembro de que fiquei atordoado com a algazarra d’aquella gente toda entrando pela nossa casa aos gritos de – Viva o Coronel – Imperador! E toque a musica! E o imperador-coronel mandou logo uma creoula correr, ás pressas, á dispensa e trazer de lá algumas dúzias de garrafas de bebidas. Recordo-me de que – parece que ainda estou vendo – o João Cascudo, posta de parte a requinta, saboreava um alentado copo de vinho, chupando os beiços e revirando os olhos – enquanto que o capitão*

---

<sup>4</sup> Relativo a pomba-trocal, *Columbiforme* da família *Columbidae*, ave também conhecida como pomba-carijó, pomba-divina, pomba-pedrês...

<sup>5</sup> Ainda há, na Igreja do Sr. Bom Jesus de Matosinhos, alguns ex-votos que relembram esta época. Confira em: [http://www.patriamineira.com.br/index.php?secao=ver\\_noticia&id\\_noticia=999&id=3](http://www.patriamineira.com.br/index.php?secao=ver_noticia&id_noticia=999&id=3)

<sup>6</sup> *Le clou de la fête* = a atração principal da festa.

*Funga, esquecido do rabeção, fazia mil caretas para seu copo, dizendo – arre diabo! Azêdo como... unha de gato! Apurada as coisas, verificou-se ter, na confusão da pressa, cahido para o capitão Funga uma garrafa de vinagre legitimo!*

*Depois ia-se ao leilão de prendas, em frente á igreja, onde filas de bancos estavam cheias de moças; era um nunca acabar de boas piadas do João Batatinha, o esperto leiloeiro, que sabia geitosamente por á prova o amor próprio de arrematador endinheirado. De uma vez, vi uma flor, que por artes e artimanhas, tinha sido furtada de um corpete de certa moça, hoje respeitável matrona, ser disputada por dois de seus adoradores e alcançou um preço louco!*

*Era assim as festas naquelle tempo; não havia ainda o jaburu fora, nem o pocker dentro das casas; resava-se mais e o gramophone e o cinema não sonhavam aparecer ainda. Não havia ‘entravées’ nem ‘jupes collantes’<sup>7</sup>... Em compensação, creio que havia mais respeito e o olhar era mais casto. Bons tempos! Sobretudo porque representam para nós o que nunca mais há de voltar – a quadra descuidosa e feliz da meninice. Agora é recordal-a, saudoso, revivel-a nos filhos e mais tarde nos netos – se a vida chegar até estes...”*

Assim, como se percebe, o então arrabalde de Matosinhos, dito arraial, aqui se apresentou numa narração que é de antes do advento da Estrada de Ferro Oeste de Minas, aqui inaugurada com muita pompa e circunstância no ano da graça de 1881; vale lembrar que o atual Bairro Matosinhos já foi um lugar que abrigava vetustas chácaras e alguns sítios de admirável bucolismo<sup>8</sup>!



*Antiga festa – Matosinhos, São João del-Rei – MG  
(Reprodução de foto s.d. e de autoria desconhecida)*

---

<sup>7</sup> Não havia *entraves* e nem *saías justas*, ou seja, não havia dificuldades!

<sup>8</sup> Confira a Chácara Lindoya, bela amostra de uma dessas chácaras em:  
[http://www.patriamineira.com.br/index.php?secao=ver\\_noticia&id\\_noticia=913&id=3](http://www.patriamineira.com.br/index.php?secao=ver_noticia&id_noticia=913&id=3)